

RESERVA INDÍGENA

Governo desocupará garimpeiros e madeireiros

O Ministério da Justiça realiza na sexta-feira uma grande operação, com a participação de 200 policiais federais e militares, além de helicópteros da FAB (Força Aérea Brasileira), para retirar cerca de dez mil garimpeiros e madeireiros da reserva indígena Sararé, em Mato Grosso, onde vivem pouco mais de 80 índios da tribo nhambiquara. A reserva tem 67,4 mil hectares e fica localizada no Vale do Guaporé, médio norte do estado, distante 540 quilômetros de Cuiabá. Os garimpeiros criaram uma verdadeira cidade na área, a 15 quilômetros da aldeia, onde funcionam bordéis, oficinas mecânicas e comércio.

Segundo a administração da Funai (Fundação Nacional do Índio) em Cuiabá, a população que vive da extração e do comércio do ouro é flutuante, mas a circulação de pessoas dentro da reserva não é inferior a oito mil. Além da devastação da área, onde as escavações atingem mais de 15 quilômetros em linha reta, surgindo crateras de até 20 metros, a

presença do branco traz a bebida alcoólica e doenças para dentro da aldeia. Pelo menos mil dragas operam na reserva, espantando também os animais silvestres. O cacique nhambiquara Américo Katitaulhu afirma que a caça acabou e os rios não têm mais peixe.

Os garimpeiros e madeireiros - estes, formam um grupo de 200 contrabandistas de madeira nobre, como mogno e cerejeira - ocupam a reserva indígena há mais de cinco anos. No início, havia o consentimento dos índios, que eram aliciados pelos brancos em troca de presentes, como moto-serras, bicicletas e até tratores. Quando os nhambiquaras começaram a reagir, apreendendo dragas, caminhões e outros maquinários dos invasores, surgiram os conflitos armados. No ano passado, foram registrados dez confrontos entre índios e brancos, sendo o mais grave no dia 16 de novembro, quando os nhambiquaras foram surpreendidos por uma emboscada e 12 ficaram feridos, entre crianças e mulheres.

O ataque à aldeia, onde até o

posto da Funai foi saqueado, teria sido uma represália à operação de desocupação da área, que vinha sendo preparada desde o ano passado pelo governo. A Polícia Federal em Cuiabá indiciou nove pessoas, entre líderes do garimpo e madeireiros, pelo incidente em Sararé.

A operação marcada para esta sexta-feira somente não ocorreu antes porque a PF alegava falta de recursos financeiros, agora garantidos pelo Ministério da Justiça. Foram recrutados 100 agentes federais e outros 100 PMs de Mato Grosso para a ação, que contará ainda com dois helicópteros da FAB e a participação de técnicos da Funai e do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis).

O administrador da Funai em Mato Grosso, Ademir Gudrin, não acredita que ocorra um confronto com os garimpeiros durante a operação, mas ele próprio está pessimista quanto à desocupação definitiva da reserva indígena. Em outras quatro tentativas, os garimpeiros e madeireiros saíram da

área mas depois voltaram por falta de alternativas de trabalho e de exploração dos recursos existentes. "Eles (os garimpeiros) acreditam na incompetência do próprio governo, que sempre deixou a reserva a mercê dos invasores", afirma Gudrin. A responsabilidade de transferência dos garimpeiros para outra área aurífera, segundo ele, é do governo estadual.

Os invasores do Sararé já foram comunicados do prazo para sair da área, que expira no dia da operação. Quem for encontrado, responderá a processo criminal e terá seus bens apreendidos. O presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Mato Grosso, Marcionílio Macedo, garantiu que seu grupo sairá pacificamente, mas alertou para o risco de uma ocupação de infra-estrutura urbana. "O governo vai criar um problema social, quando deveria nos oferecer uma alternativa", afirmou. Após a desocupação da reserva, a Funai e a Polícia Federal manterão um posto de vigilância por seis meses para impedir o retorno dos garimpeiros.